

MORFOLOGIA DESCRITIVA DE *CHOPPERS*,
CHOPPING-TOOLS E SEIXOS TRUNCADOS
DA PONTA NEGRA (MOÇÂMEDES, ANGOLA)

Por

VICTOR DOS SANTOS GONÇALVES

Assistente da Universidade de Luanda

Neste trabalho se apresenta não a totalidade dos materiais líticos recolhidos na Ponta Negra mas a principal problemática que a classificação dos seus choppers, chopping-tools e seixos truncados levanta.

Em breve se publicará o inventário completo dos artefactos e a série de questões que eles nos põem. Questões muito provavelmente de impossível resposta...

1. 1. Se, com um curvímeter, e para Norte, seguirmos a linha da costa desde a Ponta do Mexilhão (Moçâmedes)

Longitude 12° 8' 7",70 Este

Latitude 15° 11' 24",78 Sul

a 81 km encontraremos a cota 66 da Praia da Madalena ou Praia da Ponta Negra, que as coordenadas

Latitude 14° 37' 49",56 Sul

Longitude 12° 17' 54",30 Este

identificam na Carta de Angola 1:100.000 (1).

O acesso é difícil: quem sai de Moçâmedes tem de tomar o desvio da Lucira, a 31 km da cidade, e virar à esquerda no km 30, o que lhe permitirá, decorridos 21 km, encontrar a pescaria da Mariquita.

(1) Carta de Angola 1:100 000, Luanda, Serviços Geográficos e Cadastrais, 1959.
Cf. MOÇÂMEDES: folha 353 (Sul D-33) S I.
PONTA NEGRA: folha 333 (Sul D-33) M III.

Daí se partirá, de barco, para a Ponta Negra. Por terra, o acesso é possível mas de consequências muito provavelmente funestas para o *jeep* que se usar. *Dambas* ⁽²⁾ impraticáveis, ou quase, um terreno muitíssimo acidentado, impedem um acesso normal. Mas as *calemas* e a forte rebentação, frequentemente verificadas no litoral, impedem um tranquilo desembarque e obrigam à travessia da imponente zona desértica que inclui a Mariquita e a Ponta Negra. Aí se refugiam dos últimos cuissis, recolectores puros, avessos a qualquer contacto com os outros grupos indígenas e que só por extraordinário acaso poderemos avistar.

1. 2. Foi o dr. Alberto Machado da Cruz (Conservador do Museu da Huíla — Sá da Bandeira) quem identificou o sítio, na sequência da sua intenção de localizar as estações arqueológicas do Sudoeste angolano.

Visitou-a primeiro por terra, em 1968, e, depois, em 1970, por mar.

Procurava «localizar o Monte Negro referido no *Esmeraldo de Situ Orbis* e na carta de Martellus de 1489» ⁽³⁾.

Aquando de ambas as visitas, fez o dr. Machado da Cruz recolhas de materiais líticos.

Em Janeiro de 1971 cedeu os utensílios em sua posse à Universidade de Luanda, onde foram registados.

Não tendo havido separação dos artefactos recolhidos em 1968 e 1970, foram marcados com esta última data de referência e da forma que exemplifico

Pta NEGRA

P. S. 70 — (n.º de ordem)

Nas peças, dois números. Um na marca que acima transcrevi e que se insere numa sequência própria aos materiais da Ponta Negra

⁽²⁾ Uso, aqui, a palavra *damba* para designar um importante acidente orográfico frequente no litoral do Deserto. Trata-se de um vale, rasgado a partir da linha de costa, geralmente bem definido por arribas verticais. Para os indígenas (informações orais recolhidas na zona em questão) uma *damba* é uma *bassa* (corruptela de «baixa»). É assim denominada por oposição ao litoral escarpado. Na estação das chuvas as *dambas* estão frequentemente alagadas e algumas (caso da *damba* do Piambo) conservam água mesmo fora de essa altura.

⁽³⁾ Informação oral de 26 de Junho de 1971.

e outro, que se refere às fichas descritivas gerais que adoptei na Universidade.

Em Junho de 1971 desloquei-me com o dr. Machado de Cruz à pescaria da Mariquita, onde estabeleci contacto com o Senhor Francisco Rios, Mestre de traineira, que se prontificou a me conduzir à Ponta Negra nos começos de Julho, data em que, guiado por um cuiSSI, procedi à identificação do local a que regressaria por diversas vezes (4).

Cumpre-me registar e sublinhar mais uma vez a gentileza do dr. Machado da Cruz e a boa colaboração do Senhor Rios que me acolheu em sua casa com incedível simpatia.

1. 3. A Ponta Negra é um morro constituído por tufos vulcânicos cobertos por um manto de rocha de origem idêntica. As brechas de complexo vulcânico surgem-nos ligadas por cimento calcário.

A região é, geologicamente, muito curiosa. Citem-se, um pouco ao acaso, as disjunções prismáticas das arribas do Piambo, os diques de rocha vulcânica, os picos de origem também vulcânica e as sucessões estratigráficas das zonas vestibulares das *dambas*.

A idade geológica da intensa actividade vulcânica que a região deve ter presenciado está ainda por determinar (5). Soares de Carvalho após referir as hipóteses de Faber, Butz, Holmes, Moita e O'Donnell e, finalmente, Montenegro de Andrade, resume-os: às rochas vulcânicas da Orla Sedimentar de Moçâmedes foi atribuída idade Terciária, mesozóica e senoniana ou rochas intercaladas entre camadas senonianas) (6). As suas investigações pessoais conduziram-no, porém, (e com base na localização da *Veniella forbesiana* (Stoliczka) e *Exogyra olisiponensis*, Sharpe, no Cenomaniano — Turoniano) à convicção de que

(4) As saídas que efectuei em Julho de 1971 para a região da Ponta Negra permitiram estabelecer um balanço geral do significado da estação e noutro local serão referidas.

(5) Consulte-se «Geologia do Deserto de Moçâmedes (Angola), uma contribuição para o conhecimento da Orla Sedimentar de Moçâmedes», de G. Soares de Carvalho, Memórias da Junta de Investigação do Ultramar, n.º 26 (Segunda Série), Lisboa, 1961, pp. 63, 68, 69, 70 e figs. 83, 85, 87.

(6) Op. cit. p. 69.

- a) As erupções vulcânicas iniciaram-se logo após o Turo-niano, ou mesmo no final do Turoniano, prolongaram-se pelo Coniaciano ou Santoniano, mas terminaram antes do Campaniano;
- b) Como hipótese de trabalho, admito que as formações, sedimentares intercaladas nos mantos vulcânicos correspondem ao Santoniano e Coniaciano» (7).

2. «O objecto da tipologia é a identificação e a descrição de objectos pré-históricos», assim começa um conhecido Manual (8). E, mais à frente, considera-se a tipologia como a definição de um número reduzido de *tipos* em que se agrupam os objectos «fabriqués par des hommes différents et à des moments différents et qui n'ont d'autres liens entre eux ni d'autres différences que les raisons de leur emploi» (9).

A perspectiva «funcionalista» surge, aqui, claramente associada à dos tipologistas *strictu sensu*: trata-se de agrupar funcionalmente, por *tipos*, objectos cuja utilização se pretende idêntica.

Óbvio que é fundamental a atribuição a um objecto de um significado que o transforme em utensílio. Por certo é indispensável encontrar os agrupamentos em que esses utensílios se inserem. Mas, no estado actual dos nossos conhecimentos, será isso possível?

Está longe dos meus propósitos uma crítica sistemática às classificações e aos critérios dos tipologistas. Aqui, mesmo, as minhas observações referem-se exclusivamente às indústrias líticas consideradas como de incluir nesse vasto lapso de tempo que se convencionou chamar «Paleolítico». Lapso de tempo de tal forma extenso que se fizermos coincidir o conceito de «Paleolítico» com o de «economia de recollecção» poderemos afirmar que ele vai de há 1 900 000 anos (a acreditar em Oldoway) até aos nossos dias. Os *cuiassis* referidos acidentalmente em supra 1.1. são, nas suas unidades de recolha mais impermeáveis à «civilização», exclusivamente colectores, «paleolí-

(7) Op. cit. p. 70.

(8) Jean de Heinzelin de Braucourt, «Manuel de Typologie des Industries Lithiques», B Bruxelles, 1962.

(9) Op. cit. p. 3.

ticos» portanto. Daqui eu evitar referir «utensílios paleolíticos», expressão que me parece incorrecta de usar na região que é agora objecto de estudo. Preferi apontar esses artefactos não em função de um provável período de fronteiras cronológicas tão incrivelmente fluidas, mas referindo a série de gestos conscientes que a eles conduziram. Falar em *técnicas* paleolíticas e, portanto, bem diferente de colocar entre este ou aquele marco cronológico os utensílios em questão.

Quanto a «classificações», preferi, por agora, à tipologia de Heinzelin de Braucourt, Bordes ou Clark, a perspectiva «não-funcionalista» de A. L. - Gourhan. Morfologia descritiva subentende a «mobilização dos elementos descritivos», «La typologie débute donc au point où l'analyse morphologique offre le moyen d'établir de degré de validité des caracteres» ⁽¹⁰⁾. Trata-se, em verdade, de um estágio inicial, de uma primeira fase, sem a qual qualquer construção tipológica carecerá de bases e se desmoronará inevitavelmente, perante a mais limitada das análises críticas.

Morfologia descritiva é, talvez, uma forma bastante impessoal de investigação. O que, atentando na problemática do Paleolítico africano, é mais um elogio que uma constatação.

A «tipologia intuitiva» opôs Gourhan uma atitude de que são consequentes dois propósitos fundamentais, que assim definem os caminhos da Taxinomia pré-histórica

- a. estabelecimento de uma morfologia analítica independente do tempo, das culturas e da própria natureza do artefacto.
- b. prática experimental que nos conduza ao conhecimento do determinismo tecnológico ⁽¹¹⁾.

Nas estações de superfície da África Austral, antes do demais, é o primeiro ponto que se impõe à nossa meditação. Enquanto se não puder contar com novos Semenov, qualquer classificação funcional dos ins-

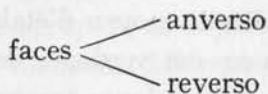
⁽¹⁰⁾ A. L.-Gourhan, «La Préhistoire», Nouvelle Clio 1, Paris, 2.^a ed. rev., 1968, p. 245.

⁽¹¹⁾ Op. cit. p. 244.

trumentos líticos africanos é risco que não deve correr o investigador. Sobretudo se for consciente do que pode vir a significar um erro.

E na actual conjuntura da Pré-História africana, a vitalidade dos erros é tão surpreendente como a dos olongos e das gungas: para os matar são necessários vários tiros e certeiros. Um só é quase sempre insuficiente. E a própria situação actual da investigação em África faz-nos crer que a falta não é de cartuchos mas de atiradores...

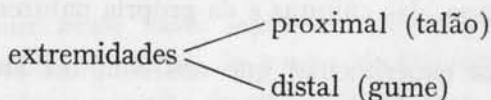
3. No estudo dos *choppers*, *chopping-tools*, e *seixos truncados* da Ponta Negra consideraram-se os seguintes elementos de descrição morfológica



convencionando-se que o *anverso* seria a zona onde se verificou lascagem (no caso dos *choppers*) ou onde a lascagem foi mais extensa no caso dos *chopping-tools*).

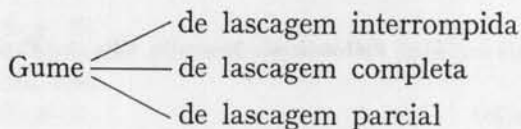


estabelecidos em função de uma reconstituição tanto quanto possível exacta das dimensões originais do seixo talhado



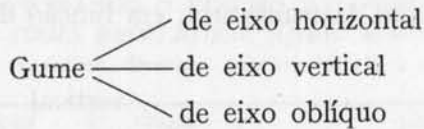
O *gume* ou *zona cortante* pode definir-se sob uma dupla perspectiva.

Tomando em conta a distribuição dos arrancamentos de lascagem teremos



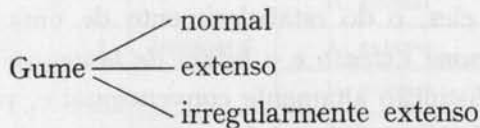
Na *lascagem interrompida* surge-nos um plano não talhado a separar as zonas de lascagem enquanto na *lascagem parcial* só uma zona do gume sofreu lascamento.

Sê, por outro lado, estabelecermos uma relação, que se me afigura muito importante, entre os eixos e a localização e orientação da *zona de lascagem*, teremos.



O *gume-horizontal* é aquele cujo eixo é sobreponível ao eixo menor do seixo enquanto o *gume vertical* apresenta um eixo coincidente ao eixo maior. *Gume oblíquo* (cuja orientação pode, evidentemente, ser dupla) tem a sua definição no próprio nome que traz: está disposto obliquamente. Enquanto, como já vimos, no caso dos gumes *horizontal* e *vertical* se verifica uma sobreposição do eixo do utensílio com um dos eixos naturais (com o maior no caso do gume vertical, com o menor quando se trata de um gume horizontal) o *gume oblíquo* define-se justamente por um ângulo maior ou menor que distancia o seu eixo do natural.

Quanto às faces e à extensão de lascagem usei as designações

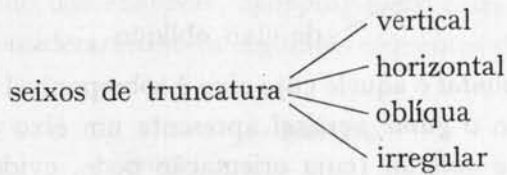


Por *gume normal* considerou-se aquele que não excede 1/2 do eixo a que é perpendicular. No caso do prolongamento da superfície da lascagem para além de esta medida o gume é, então, considerado *extenso*. Se só em algumas zonas se verifica essa presença do gume para além do 1/2 convencional, nesse caso o gume será *irregularmente extenso*.

4. A um dos utensílios mais curiosos que a Ponta Negra forneceu atribuí a designação de *seixo truncado*. Designação que, não se comprometendo com qualquer possível utilização, refere um objecto que foi usado como utensílio (pelo menos essa é a minha convicção no que

respeita a parte dos exemplares que estudei) mas que, sob outro ângulo, talvez seja de aproximar do grupo dos núcleos. Aliás é de admitir que núcleos de arestas especialmente cortantes tenham servido de utensílios, após fornecerem artefactos de menores dimensões, e uma vez a sua massa consideravelmente diminuída.

Na minha classificação dos seixos truncados foi considerada como indicadora a orientação da truncatura, em função dos eixos. Teremos assim



sendo o critério usado idêntico ao que adoptei para a orientação do gume de *choppers* e *chopping-tools*.

5. Estes três agrupamentos de utensílios da Ponta Negra surgiram associados a um interessante agregado de artefactos onde sobressaem os núcleos e os utensílios nucleiformes, as lascas (alguns excelentes exemplares) e outros implementos cuja descrição só por si levanta problemas que exigem estudo demorado. A eles voltarei em breve. Mas um de entre eles, o do estabelecimento de uma fronteira entre *chopping-tool de gume extenso* e o *biface de lascagem parcial*, só por si, obriga a uma distinção altamente convencional e, por isso mesmo, perigosamente subjectiva.

A propósito de lógica, Boris Vian disse, uma vez, «si une chose n'est pas blanche elle peut être noire, évidemment, mais elle peut être, également, d'un tas de couleurs très différentes». A quem trabalha em investigação é justamente essa possibilidade a mais preocupante das ameaças. O que chamamos *negro* ou *branco* tem de ser, com efeito, *negro* ou *branco* ou, evidentemente, aceite como tal. Em caso contrário, todas as nomenclaturas conduzirão a classificações sobreponíveis ou coincidentes e cujo valor principal, a estabilidade, não existe.

O signo que usamos para designar um objecto tem de ser reconhecível e reconhecido, senão é inútil e não significativo. Mas até que

ponto uma nomenclatura instável ou incorrecta pode comprometer uma sistemática é outra das preocupações fundamentais em Arqueologia Analítica. Assunto que por ora não nos demorará, apesar do seu tão grande interesse.

UNIVERSIDADE DE LUANDA, VERÃO DE 1971

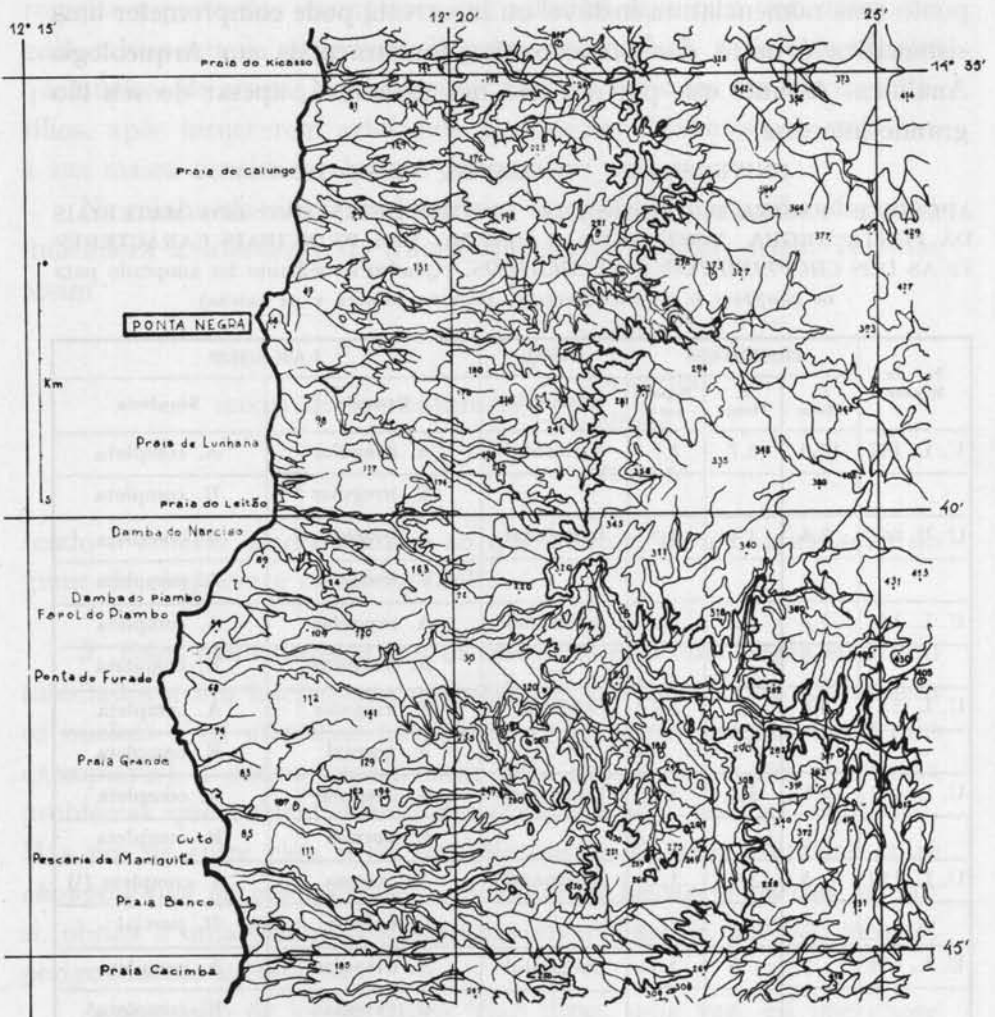
APÊNDICE: PÁGINA PROVISÓRIA DO ESTUDO DEFINITIVO DOS MATERIAIS DA PONTA NEGRA, MOSTRANDO O RESUMO DAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DOS *CHOPPING-TOOLS* RECOLHIDOS. (Quadro semelhante foi adoptado para os *choppers* e outros, diversos, para os bifaces e as lascas)

N.º de Registo	DIMENSÕES			GUME (Orientação)	LASCAGEM	
	E. Maior	E. Menor	Espes-sura		Extensão	Sequência
U. L. 142	10,5	6,7	2,7	horizontal	A. irregular	A. completa
					R. irregular	R. completa
U. L. 66	7,6	4,4	3,7	horizontal	A. irregular	A. completa
					R. irregular	R. completa
U. L. 144	7,8	6,2	3,7	horizontal	A. irregular	A. completa
					R. irregular	R. completa
U. L. 22	4,8	4,2	2,2	obliqua	A. irregular	A. completa
					R. normal	R. completa
U. L. 147	5,6	5,2	3,3	horizontal	A. irregular	A. completa
					R. normal	R. completa
U. L. 150	5	3,9	3,3	horizontal	A. extensa	A. completa (¹)
					R. extensa	R. parcial
U. L. 154	7	6	3,5	horizontal	A. irregular	A. completa
					R. extensa	R. completa
U. L. 156	5,7	5,3	3,3	obliqua	A. irregular	A. completa
					R. normal	R. completa
U. L. 158	9,6	8,8	4,5	horizontal	A. extensa	A. completa (²)
					R. normal	R. completa

(¹) A espessura foi medida no talão. Trata-se de uma peça de onde foram feitos arranques para obtenção de lascas, portanto de utilidade dupla: utensílio e núcleo.

(²) Poderá também tratar-se de um *chopper* sobre seixo truncado longitudinalmente mas certos arrancamentos do lado esquerdo e da extremidade distal parecem posteriores à truncatura primitiva.

Obs.: A — Anverso. R — Reverso. Medidas em cms.

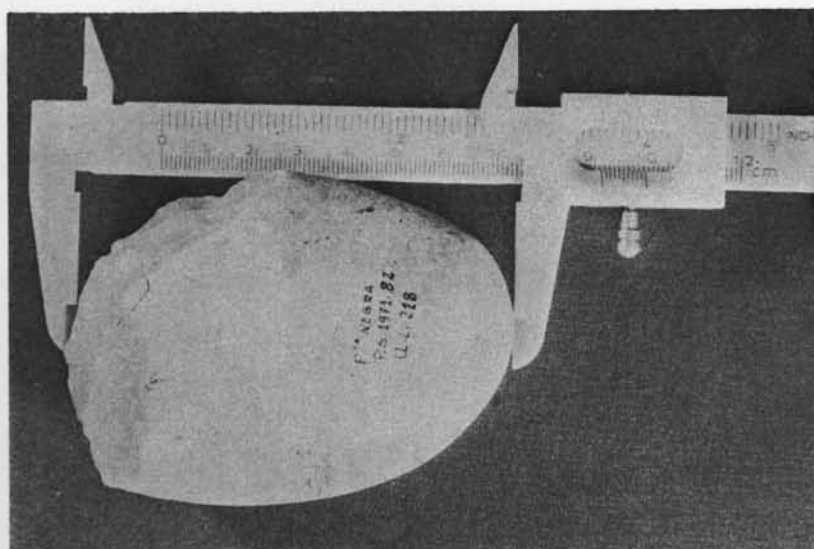


A LOCALIZAÇÃO DA PONTA NEGRA. Os topónimos «Praia de Lunhana», «Damba do Narciso», «Damba do Piambo», e «Praia Cacimba» não constam da Carta de Angola 1:100 000 e foram recolhidos durante as prospeções efectuadas na região. A tradição oral atribui ao Cuto e à Praia Grande uma localização diferente da apontada na Carta. A esta, preferi aquela.

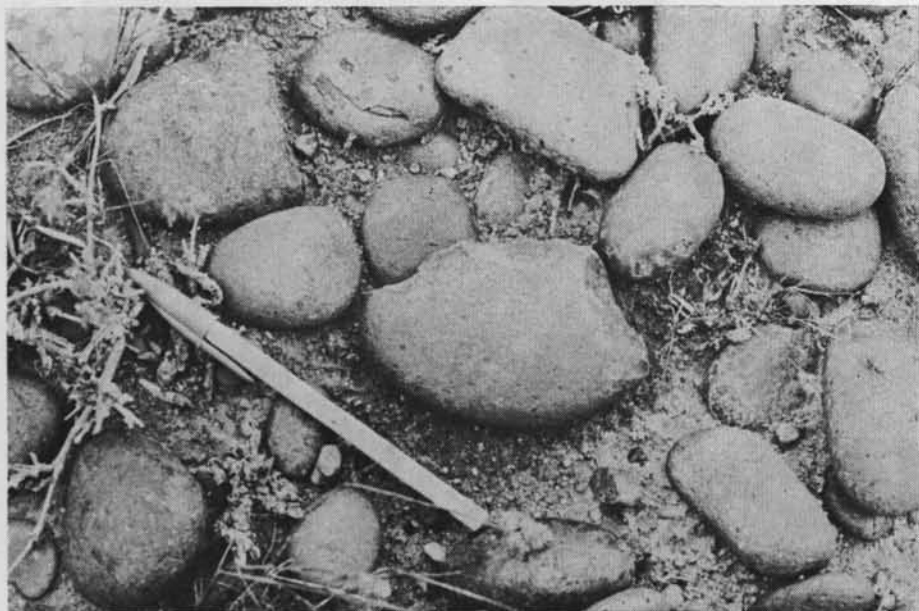
Os estudos levados a efeito a partir do Mapa de Martellus e do *Esmeraldo de Situ Orbis* pelo Dr. Machado da Cruz permitiram-lhe defender a identificação da Ponta Negra com o Monte Negro referido a propósito da 2.^a Viagem de Diogo Cão. Para o Dr. Machado da Cruz tanto a descrição do local como a sua localização se enquadram nas referências conhecidas para o Monte Negro, tanto mais que a Ponta Negra marca a transição entre dois tipos distintos de costa, a vulcânica e a sedimentar. Em trabalho próximo, o Director do Museu da Huíla apresentará as conclusões a que chegou.

RÉSUMÉ

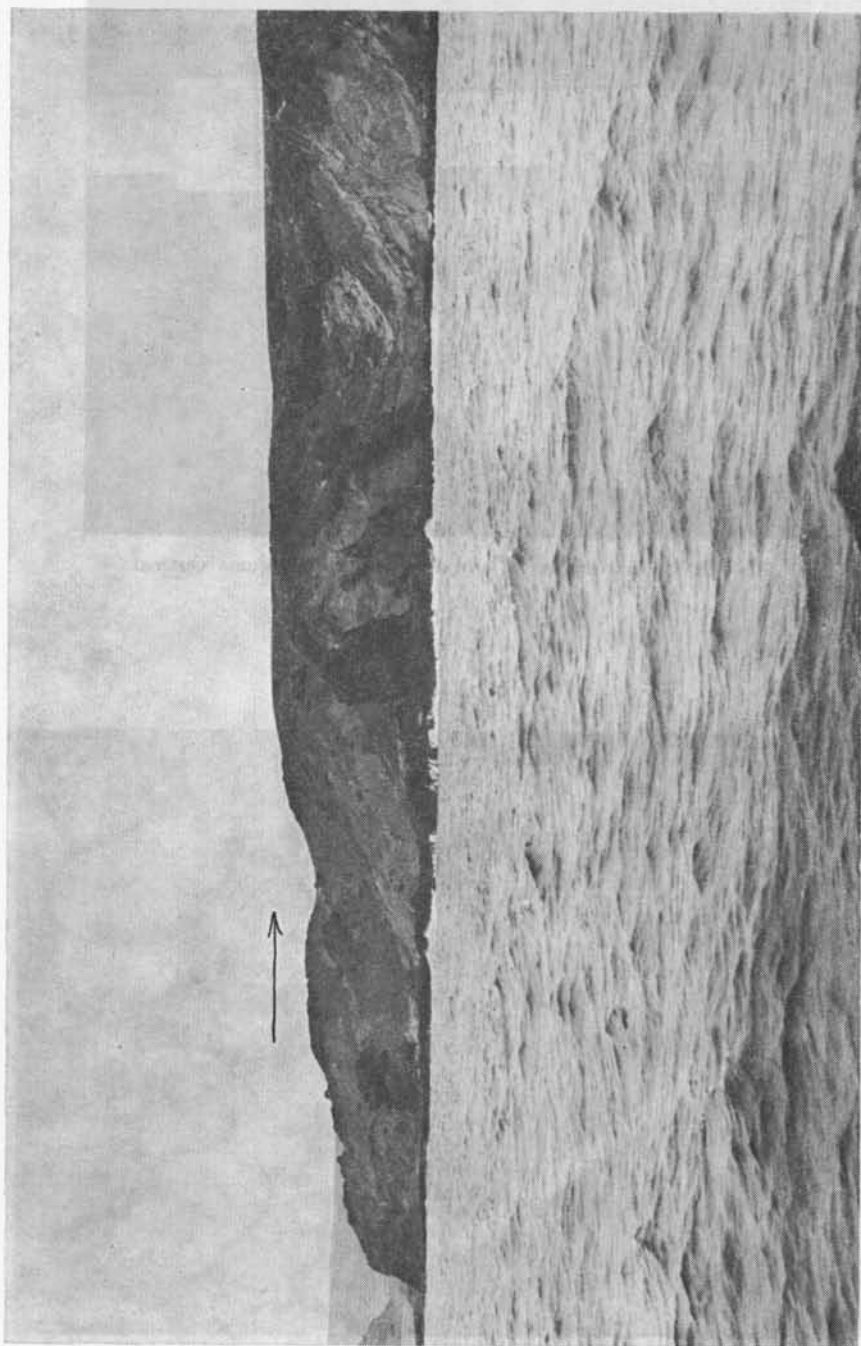
Dans le présent travail, l'auteur aborde les problèmes de la classification des choppers, chopping-tools et galets tronqués trouvés à Ponta Negra (Angola). Après avoir donné un aperçu général sur le gisement, il définit les critères utilisés dans son étude en matière de typologie et de classification des instruments paléolithiques recueillis et qui seront décrits dans une publication ultérieure.



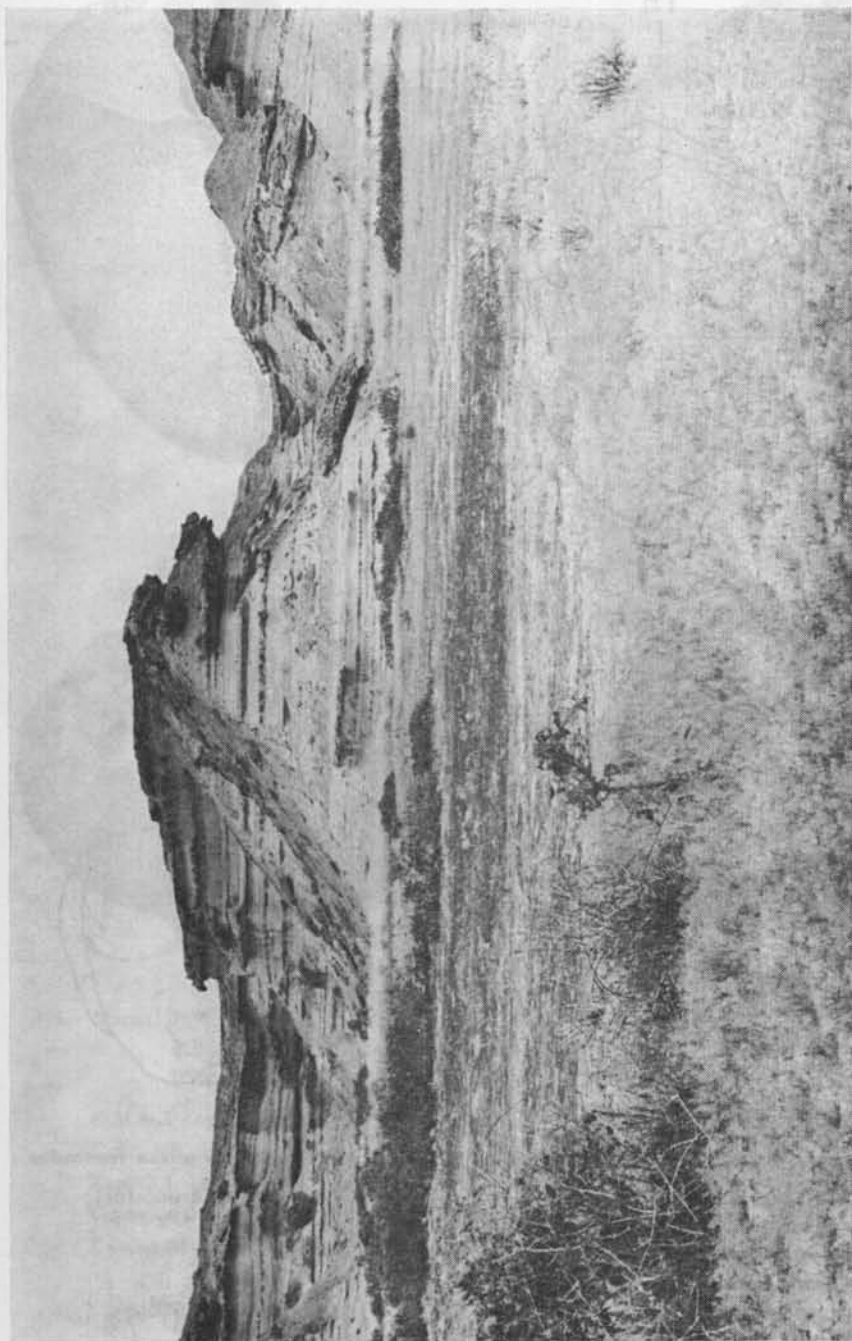
1. Medição do eixo maior de um *chopping-tool* de gume vertical



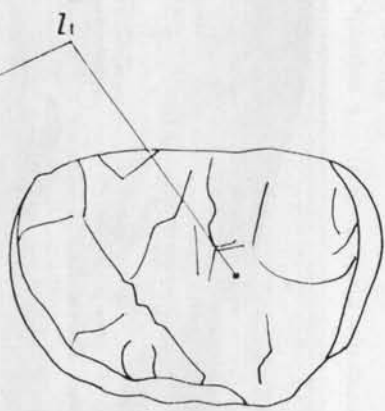
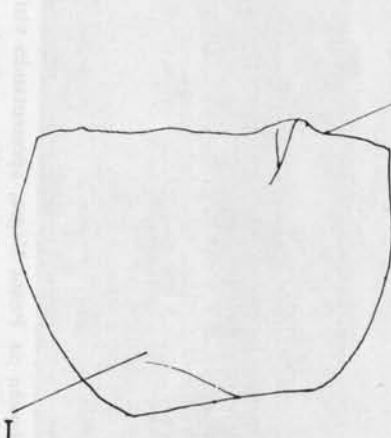
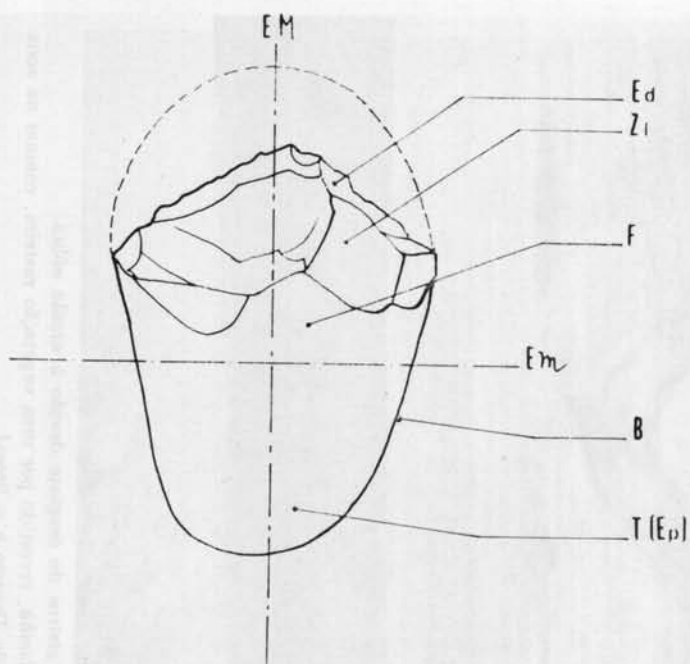
2. No alto da arriba da Ponta Negra, um *chopping-tool*, *in situ*



A PONTA NEGRA (fotografia tirada do Mar) — à esquerda é visível a boca da Damba da Ponta Negra. A estação estende-se na direcção que a seta indica.



A *damba* da Ponta Negra, apresentando visíveis efeitos do desgaste devido à erosão eólica. Em primeiro plano, e em contraste com as *arribas*, o «fundo» da *damba*, revestido por uma vegetação rasteira, comum na zona de transição entre o interior do Deserto e o litoral.

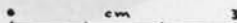
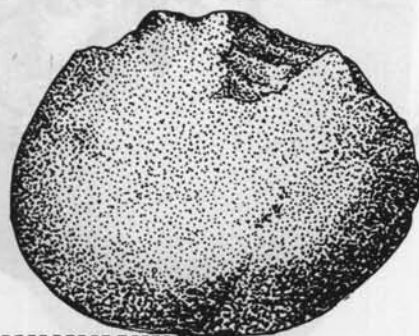
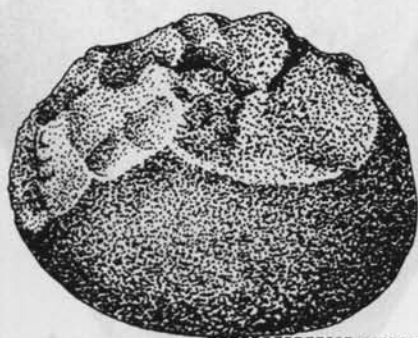
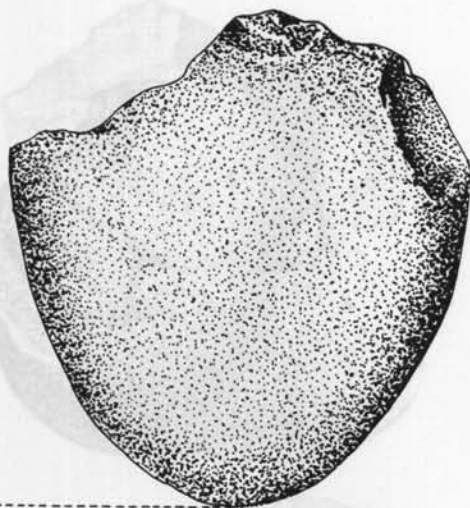
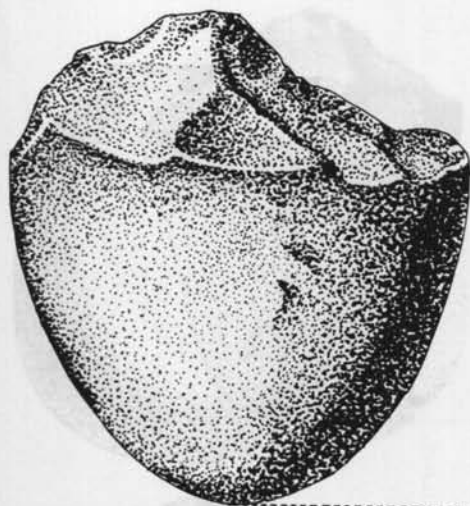


1. Morfologia de *choppers* e *chopping-tools*

2. Morfologia dos seixos truncados

- E.M. — eixo maior
- E.m. — eixo menor
- E.d. — extremidade distal
- Z.l. — zona de lascagem
- F — face
- B — bordo
- T (Ep) — talão (extremidade proximal)

- Z.t. — zona de truncatura
- T. — talão



1. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-70
U.L. 70

E.M 6,5 cm

E.m. 5,8

Esp. 2,1

Gume — de orientação vertical

Lascagem — normal completa, no Anverso
normal interrompida, no Reverso

Classificação: *chopping-tool*

de gume (de eixo) vertical

2. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-68
U.L. 68

E.M. 5,2 cm

E.m. 4

Esp. 3

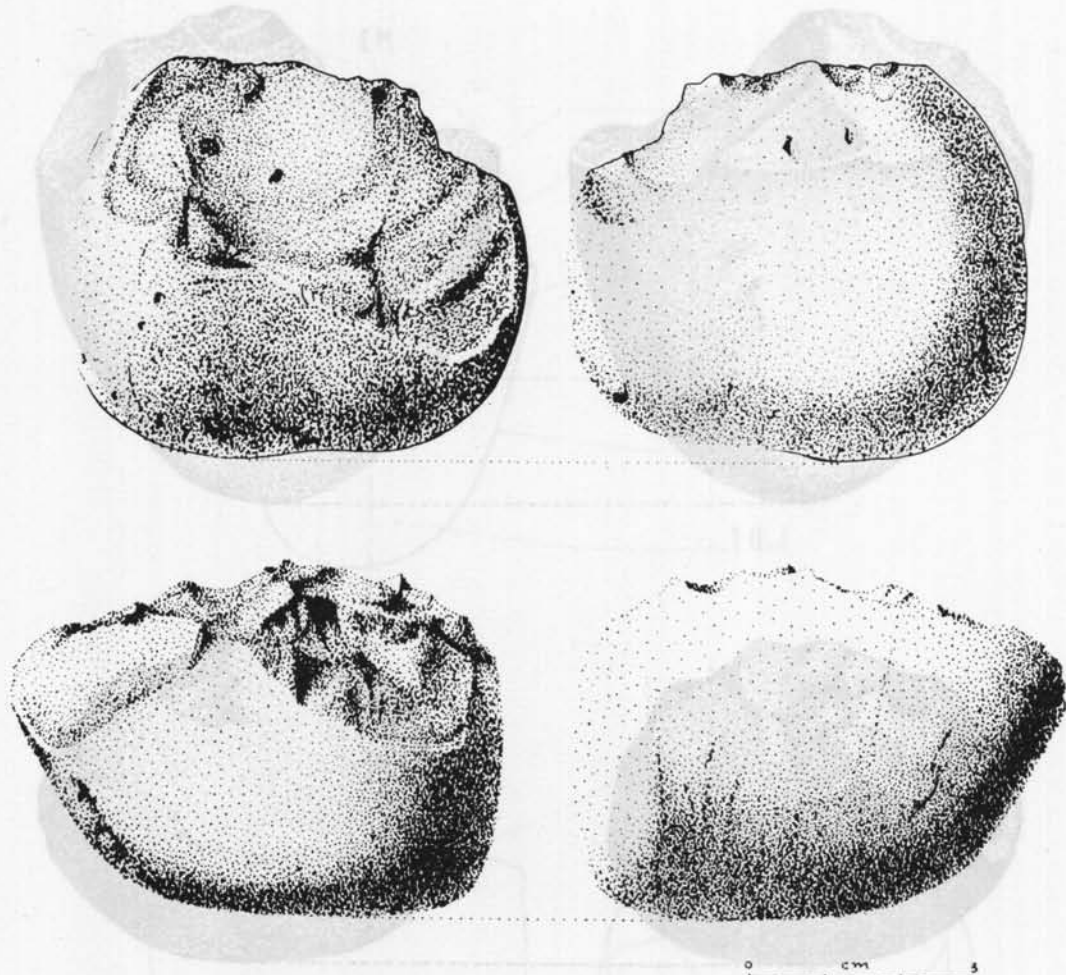
Gume—horizontal

Lascagem — extensa, parcial

Classificação: *chopper*

de gume horizontal

(Obs. pequena zona de lascagem
acidental (?) no Reverso)



1. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-25
U.L. 25

E.M. 6 cm

E.m. 5,1

Esp. 2,8

Gume — oblíquo

Lascagem — irregular e completa no
Anverso
normal e interrompida, no
Reverso

Classificação — *chopping-tool* de gume
oblíquo

2. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-26
U.L. 26

E.M. 6,4 cm

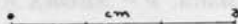
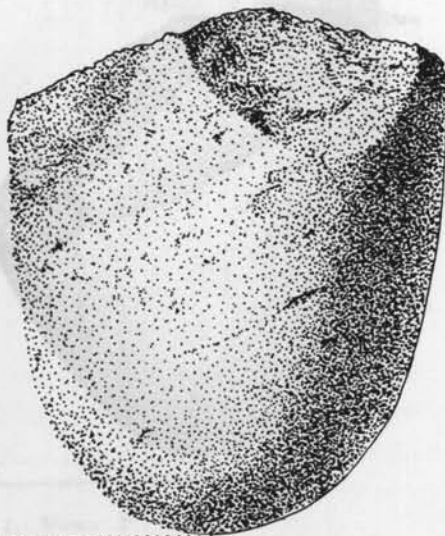
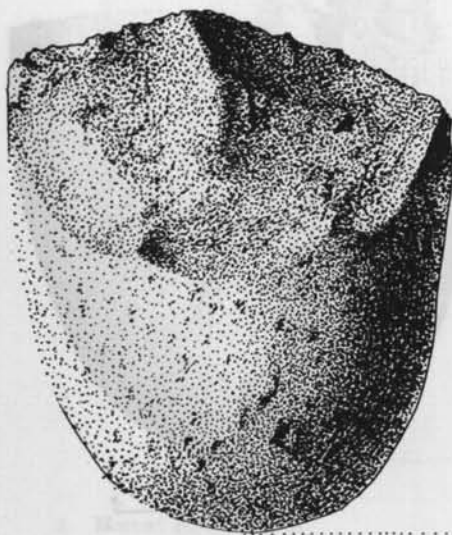
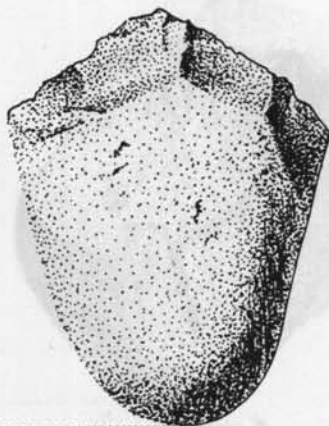
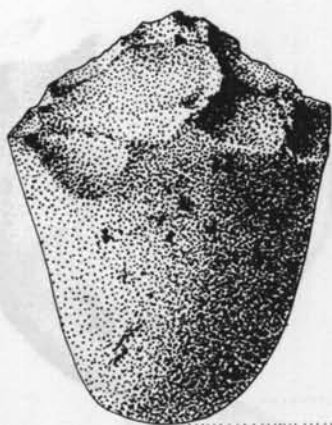
E.m. 4,5

Esp. 3,1

Gume — horizontal

Lascagem — irregularmente extensa;
completa

Classificação — *chopper* de gume hori-
zontal



1. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-9
U.L. 9

E.M. 5,3 cm

E.m. 3,7

Esp. 2,3

Gume — vertical

Lascagem — normal completa, no An-
verso e no Reverso

Classificação: *chopping-tool* de gume
vertical

2. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-5
U.L. 5

E.M. 6,7

E.m. 5,4

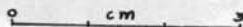
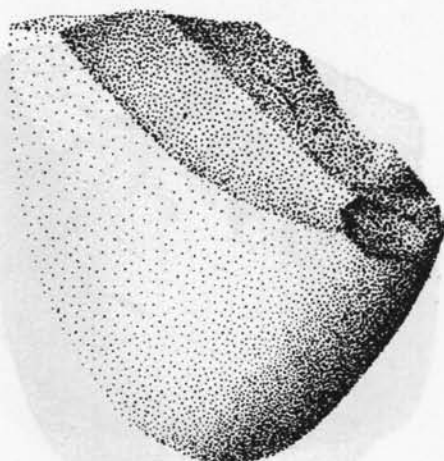
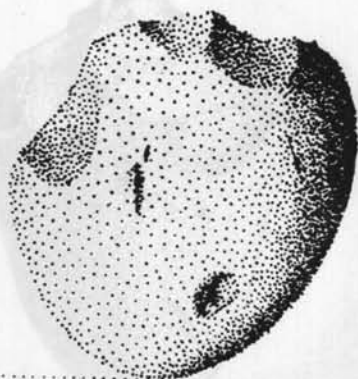
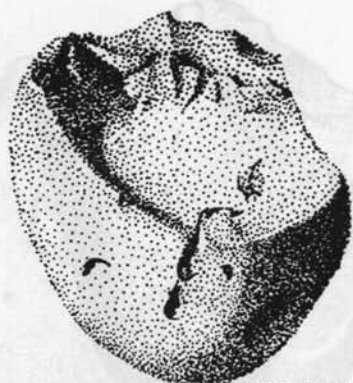
Esp. 3,3

Gume — vertical

Lascagem — normal e completa no An-
verso

normal e interrompida no
Reverso

Classificação: *chopping-tool* de gume
vertical



1. Marca: P.^{ta} NEGRA

P.S. 1970-22

U.L. 22

E.M. 4,8

E.m. 4,2

Esp. 2,2

Gume — oblíquo

Lascagem — irregularmente extensa e completa no Anverso normal e interrompida, no Reverso

Classificação: *chopping-tool* de gume oblíquo

2. Marca: P.^{ta} NEGRA

P.S. 1970-20

U.L. 20

E.M. 5,8

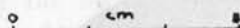
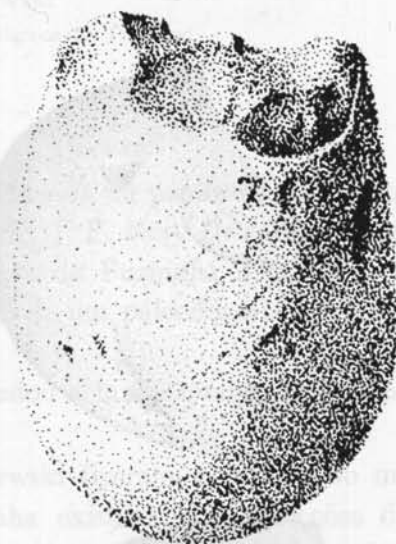
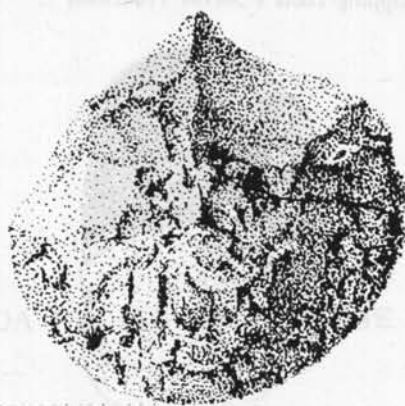
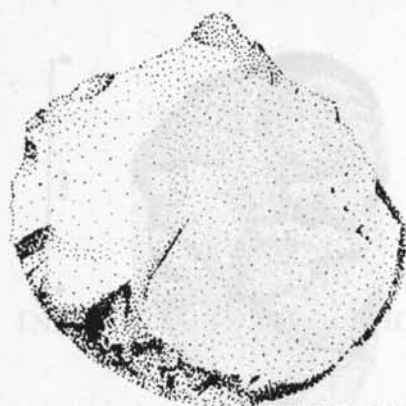
E.M. 5,3

Esp. 2,6

Gume — oblíquo

Lascagem — obtida por truncaturas em sequência, após corte transversal

Classificação — seixo truncado (de truncatura oblíqua)



1. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-15
U.L. 15

E.M. 5,4 cm

E.M. 5,1

Esp. 2,9

Lascagem — extensa completa, no An-
verso
normal completa, no Re-
verso

Classificação — *chopping-tool* (?) de
gume vertical

Obs. Trata-se de um utensílio que se
aproxima de um outro grupo iden-
tificado na Ponta Negra, o dos
picos

2. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-12
U.L. 12

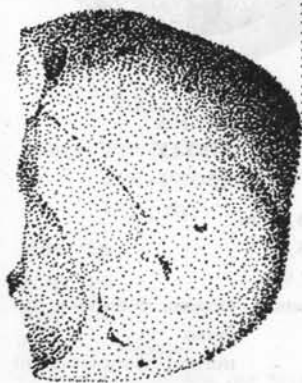
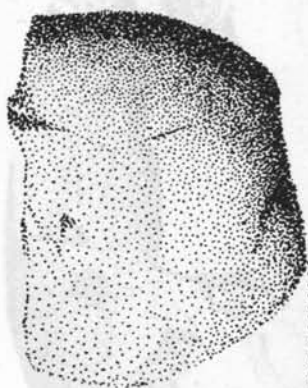
E.M. 6,6 cm

E.m. 5,1

Esp. 3,5

Lascagem — extensa completa no An-
verso
normal completa, no Re-
verso

Classificação: *chopping-tool* de gume
vertical



1. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-28
U.L. 28

E.M. 5,1 cm

E.m. 4,2

Esp. 3,2

Tipo de truncatura — oblíqua

Classificação: seixo de truncatura oblíqua

2. Marca: P.^{ta} NEGRA
P.S. 1970-58
U.L. 58

E.M. 4,6

E.m. 3,5

Esp. 3,2

Tipo de truncatura — horizontal

Classificação: — seixo de truncatura horizontal